

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Ad libertatem: as construções condicionais-concessivas insubordinadas com nem se e nem que no português em diacronia

Amanda de Lira Santos, Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16601>

Submetido em: 2026-06-17

Postado em: 2026-06-22 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

AD LIBERTATEM: AS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS-CONCESSIVAS INSUBORDINADAS COM *NEM SE* E *NEM QUE* NO PORTUGUÊS EM DIACRONIA

AD LIBERTATEM: Portuguese in subordinate concessive-conditional constructions with *nem se* and *nem que* in diachrony

Amanda de Lira Santos¹

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

<https://orcid.org/0000-0003-4928-6671>

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale²

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

<https://orcid.org/0000-0002-9091-9461>

Resumo: A Gramática de Construções Diacrônica (GCD) tem se consolidado como um dos principais referenciais teóricos para compreender a mudança linguística como um fenômeno cognitivo e baseado no uso e oferece instrumentos analíticos para investigar como construções emergem, evoluem e são reinterpretadas ao longo do tempo (Traugott e Trousdale, 2013; Hilpert, 2013; Smirnova e Sommerer, 2020; Diessel, 2019). Esse paradigma revela-se, por isso, adequado ao enquadramento teórico-metodológico de orações in subordinadas condicionais-concessivas, uma vez que sua regularidade e produtividade, já atestadas em recortes sincrônicos em diversas línguas, incluindo-se o português, são frutos de processos de inovação, emergência e convencionalização originados diacronicamente. Nesse sentido, amparado sob os pressupostos da GCD, este estudo piloto visa investigar, no recorte que compreende os séculos XV ao século XX, os usos de construções in subordinadas condicionais-concessivas prefaciadas pelas conjunções *nem se* e *nem que* no português brasileiro. Por meio da conjugação de parâmetros formais e funcionais, busca-se demonstrar *se* e *de que modo*, a abordagem diacrônica da Gramática de Construções permitirá observar continuidades e inovações construcionais dessas orações ao longo do tempo, identificando padrões de esquematização e mudança motivados pelo uso. Espera-se, assim, não apenas suprir lacunas na descrição de conectivos e construções não prototípicas do português, mas também oferecer uma análise que compreenda os mecanismos formais, cognitivos e pragmáticos subjacentes à in subordinação.

Palavras-Chave: In subordinação; Gramática de Construções; Diacronia; Condicionais-concessivas.

¹ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de São Paulo –FAPESP (2024/08219-6). E-mail: amanda.lira@estudante.ufscar.br.

² Professora titular da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. E-mail: flaviahiratavale@ufscar.br.

Abstract: Diachronic Construction Grammar (DCxG) has become one of the leading theoretical frameworks for understanding language change as a cognitive and usage-based phenomenon, providing analytical tools to investigate how constructions emerge, evolve, and are reinterpreted over time (Traugott & Trousdale, 2013; Hilpert, 2013; Smirnova and Sommerer, 2020; Diessel, 2019). This paradigm is therefore particularly well suited to the theoretical and methodological analysis of insubordinate conditional-concessive clauses, since their regularity and productivity, already attested in synchronic studies across several languages, including Portuguese, result from processes of innovation, emergence, and conventionalization that originated diachronically. Within the framework of DCxG, this pilot study aims to investigate the use of insubordinate conditional-concessive constructions introduced by the conjunctions *nem se* and *nem que* in Portuguese, covering the period from the fifteenth to the twentieth century. By combining formal and functional parameters, the study seeks to demonstrate whether and how a Diachronic Construction Grammar approach can reveal patterns of continuity and innovation in these constructions over time, identifying processes of schematization and constructional change motivated by language use. The study is expected not only to address gaps in the description of non-prototypical connectives and constructions in Portuguese but also to provide an analysis of the formal, cognitive, and pragmatic mechanisms underlying insubordination.

Keywords: Insubordination; Construction Grammar; Diachrony; Conditional-concessives.

Introdução

As construções insubordinadas constituem um fenômeno linguístico que desafia as fronteiras tradicionais das descrições linguísticas acerca dos processos de articulação de orações, sobretudo aqueles que se pautam em critérios bipartidos entre subordinação e coordenação. A emergência de usos nas diferentes situações comunicativas mobilizadas pelos falantes dá origem a estruturas que possam servir aos seus distintos propósitos comunicativos e expressivos, que nem sempre podem ser alocados em categorias discretas, tais como as orações insubordinadas, que, à primeira vista, apresentam a forma de cláusulas subordinadas, mas manifestam autonomia sintática e pragmática que as caracteriza como instâncias de insubordinação, nos termos de Evans (2007). No caso das orações insubordinadas introduzidas por *nem que* e *nem se*, especificamente, estudos sincrônicos mais recentes (Lira e Hirata-Vale, 2025; Lira e Souza, 2025) têm demonstrado que essas construções, originalmente de natureza condicional-concessiva escalar (Haspelmath e König, 1998), expressam valores extremos de prótases cuja apódose está elidida e relacionam-se à veiculação de valores intersubjetivos e de funções discursivas como refutação, réplica e significados irônicos.

Estudos centrados no desenvolvimento diacrônico de orações insubordinadas, tais como a proposta de Coradini (2022), revelam que esse fenômeno não é restrito à sincronia atual do

português brasileiro (PB) e que essas construções apresentam uma trajetória de insubordinação que leva construções a afastarem-se de seus domínios-fonte e apresentarem significados mais opacos e intersubjetivos. Nesse sentido, a relevância de investigar essas construções sob uma perspectiva diacrônica reside no fato de que sua regularidade e produtividade no português contemporâneo não são fenômenos espontâneos e isolados, mas sim o produto de processos históricos de inovação, emergência e convencionalização, conforme atestam usos de recortes anteriores do PB:

1. Se a S'ora Justina chega um bocadinho antes, havia de presenciar o mais bonito! - Qu'houve? - Pois a moça não fez aqui umas partes.. - Que foi, Luiz? - Pois não! Vinha descendo muito bem a escada e assim que me bispou - zás! - Zás - como? - Abriu a chorar que nem uma criança, e agora o verás. - Coitada! Eu sei - é moléstia! E a Justina comoveu-se. Sempre que lhe tocavam na ama, apertava mais as sobrancelhas e ficava com uma cara de profunda lástima. - Arrengo de tal moléstia! replicou o trabalhador. - Uma coisa dá para espantos, **nem que a gente fosse alma do outro mundo!** Olhe que se o pai não me dissesse para esperar aqui, juro-lhe que já cá não estava! (CdP/Br 18:Azevedo:Homem)

De maneira adicional, observa-se que a investigação diacrônica dessas construções é permite também evidenciar como esquemas herdados do latim — em que conectivos como *quamuis* e *etiamsi* já desempenhavam valores condicionais-concessivos com semântica contrafactual e função retificativa (Bertocchi e Maraldi, 2011) — são reinterpretados e reconfigurados na história do português. Comparando-se às estruturas insubordinadas no português brasileiro sincrônico, percebe-se que certos traços modo-temporais e funções pragmáticas presentes nas construções latinas persistem em suas correspondentes no português, especialmente naquelas que constituem o objeto de estudo deste trabalho. Compreender a trajetória dessas formas permite, portanto, observar como padrões discursivos e estratégias argumentativas foram mantidos, adaptados ou recriados ao longo dos séculos.

Para dar conta dessa trajetória, este trabalho se ancora na Gramática de Construções Diacrônica (GCD), que concebe a mudança linguística como um processo cognitivo e baseado no uso, por meio do qual pares forma-função convencionalizados — as construções — emergem, se estabilizam e se transformam na gramática dos falantes (Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2013). Nesse quadro, a insubordinação pode ser compreendida como resultado de processos de construcionalização e rotinização, nos quais sequências formalmente subordinadas passam a adquirir usos independentes e convencionalizados, refletindo tanto tendências cognitivas quanto motivações pragmáticas (Traugott, 2015).

O objetivo deste estudo piloto é, assim, descrever e analisar as construções insubordinadas com *nem se* e *nem que* no português brasileiro, em um recorte que compreende

o período do século XV ao século XX. As ocorrências serão coletadas no Corpus do Português – Genre/Historical e examinadas quanto a: (i) tempo e modo verbal; (ii) grau de independentização; e (iii) funções pragmáticas. Essa abordagem visa identificar padrões de esquematização e mudança motivados pelo uso, contribuindo para a descrição de construções não prototípicas do português e para o esclarecimento dos mecanismos formais, cognitivos e pragmáticos subjacentes à insubordinação.

Para atender a esses propósitos, o texto está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresenta-se o referencial teórico da GCD; na seção 3, discute-se o fenômeno da insubordinação e as propriedades das construções condicionais-concessivas; na seção 4, são detalhados os procedimentos metodológicos; na seção 5, descrevem-se e discutem-se os resultados; e, por fim, na seção 6, são tecidas as considerações finais.

2. Fundamentação teórica

2.1 A Gramática de Construções Diacrônica

A Gramática de Construções se consolidou, nas últimas décadas, como um dos principais paradigmas teóricos para a investigação de unidades de diferentes níveis gramaticais e de abstração. Ao propor que a unidade fundamental da gramática não é a regra abstrata, mas a construção, entendida como um par convencionalizado de forma e significado (Goldberg, 1995; Croft e Cruse, 2004), toda expressão linguística — de morfemas a esquemas mais abstratos — pode ser tratada como uma construção, o que inclui desde padrões altamente produtivos até expressões idiomáticas fixas.

Desenvolvimentos mais recentes, centrados na análise da mudança linguística, deram origem à GCD (Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2013; Barðal *et al.*, 2015; Diessel, 2019), que investiga como construções emergem, se transformam e se extinguem ao longo do tempo. O conceito central nesse quadro é o de construcionalização, definido como a criação de um novo nó em uma rede construcional — ou seja, o surgimento de um novo par forma-função que se torna convencionalizado na gramática dos falantes. A construcionalização é gradual, envolve mudanças simultâneas nos níveis formal e semântico-pragmático, e se distingue das mudanças construcionais, que afetam apenas um dos polos de uma construção já existente (Traugott; Trousdale, 2013).

Dentro desse modelo, as construções se organizam em redes hierárquicas, nas quais esquemas mais abstratos (esquemas) licenciam padrões mais específicos (subesquemas e microconstruções). Essa arquitetura hierárquica e gradual da gramática é fundamental para a

análise das construções que constituem o objeto de estudo do presente artigo, pois permite rastrear, ao longo do tempo, como novas microconstruções com *nem se* e *nem que* podem ter emergido a partir de esquemas condicionais mais gerais, desenvolvendo propriedades formais e funcionais específicas por meio de processos de especialização pragmática e convencionalização.

Da mesma maneira, o desenvolvimento de estruturas in subordinadas também articula-se com os pressupostos mais gerais dos Modelos Baseados no Uso (Langacker, 1987; Bybee, 2010), que concebem a gramática como uma estrutura emergente, assumindo-se que padrões que se repetem e se estabilizam em determinadas condições comunicativas tendem a se convencionalizar, dando origem a novas construções.

2.2 A in subordinação

O conceito de in subordinação, tal como formulado por Evans (2007) e posteriormente desenvolvido por uma ampla tradição de pesquisa em diferentes línguas, designa o uso de orações que apresentam marcas morfossintáticas de subordinação — como conjunções subordinativas ou formas verbais típicas de orações subordinadas — utilizadas de maneira sintática e pragmaticamente independentes, nas quais uma cláusula que parece subordinada funciona como ato de fala autônomo no discurso.

A hipótese mais amplamente difundida sobre a origem das construções in subordinadas é a de elipse (Evans, 2007). Segundo essa proposta, cláusulas subordinadas que ocorriam em contextos nos quais a cláusula principal era recorrente e previsível passaram a ser utilizadas de forma isolada, sem a matriz. Com o tempo, esses usos elípticos se rotinizaram e se convencionalizaram, originando construções autônomas com funções pragmáticas específicas. Esse processo de construcionalização é gradual e, em geral, acompanhado de especialização semântica e pragmática (Hirata-Vale, 2015).

A literatura sobre in subordinação tem se desenvolvido tanto em línguas germânicas quanto em línguas românicas (D’Hertefelt, 2015; 2018; Stirling, 1999; Brinton, 2014; Míguez, 2016; Kaltenböck, 2014, 2016; Lastres-López, 2020; Kaltenböck e Keizer, 2022; D’Hertefelt e Van Linden, 2017; La Roi, 2025; Dér, 2025; Montolío, 1999; Gras, 2010; Elvira Garcia, 2016, 2019; Royo Viñuales, Van linden, 2022; Royo Viñuales, Van Praet, Degand, 2022; Royo Viñuales; Van Linden, 2024; Royo Viñuales, 2025). No português brasileiro, um conjunto significativo de propostas foram igualmente desenvolvidas a respeito de estruturas

insubordinadas, sobretudo aquelas de matiz condicional (Hirata-Vale, 2015; 2017; Alves; Hirata-Vale, 2021; Coradini, 2022; Comarim e Hirata-Vale, 2023; Lira e Hirata-Vale, 2025).

Embora essa tradição de pesquisa seja relativamente consolidada, a compreensão diacrônica do funcionamento dessas construções ainda constitui uma lacuna na descritiva, especialmente no português brasileiro, o que evidencia uma carência de abordagens sistemáticas que investiguem o desenvolvimento histórico e as funções pragmáticas em construções não-prototípicas, como as condicionais-concessivas insubordinadas.

2.3 Construções condicionais-concessivas escalares

As construções condicionais-concessivas escalares constituem um subtipo de condicional em que a relação entre os conteúdos das orações envolve uma prótase como uma circunstância desfavorável ao cumprimento da apódose, isto é, ainda que a condição expressa na prótase seja a mais improvável, extrema ou desfavorável possível, a consequência veiculada pela apódose se mantém. Haspelmath e König (1998) caracterizam esse tipo construcional como escalar, na medida em que a prótase evoca um extremo em uma escala de condições e o conteúdo da apódose se apresenta como invariável em relação a qualquer ponto dessa escala.

No português brasileiro, conectivos como *mesmo que*, *nem que* e *nem se* são tipicamente associados a esse valor condicional-concessivo. Entre eles, *nem que* e *nem se* apresentam uma particularidade que os torna especialmente relevantes para a análise aqui proposta: eles ocorrem frequentemente em contextos de insubordinação, sem a presença de uma apódose explícita, atuando recorrentemente em contextos dialógicos com funções como réplicas e refutações, carregadas de valores expressivos irônicos ou de avaliação negativa:

2. Voz cavernosa, tom de quem está ofendido, papai apenas disse: -Por esta vez passa, mas não tente repetir a façanha, me fazer de bobo, ouviu, dona Ricardina da Silva? Se tentar, então aí vamos acertar as contas pra valer! Vencedora daquela tarde, Ricarda deveria voltar ao programa no fim do ano para a festa dos campeões. -Você vai? -quis saber Júlia. -Claro que vou! **Nem que chova canivete..** -respondeu ela sem vacilar. (19:Fic:Br:Gattai:Cronica) (Lira e Hirata-Vale, 2025, p. 119-120)

Nesses contextos, a prótase condicional-concessiva com valor extremo produz um ato de fala completo e apresenta um grau avançado de convencionalização e independentização dessas construções, exibem padrões morfossintáticos mais fixos como a utilização do presente pretérito imperfeito do subjuntivo, e servem a funções associadas a estratégias de polidez, controle interpessoal e organização discursiva. Supõe-se que, de uma perspectiva diacrônica, tais valores associam-se gradualmente a essas construções, que, inseridas em contextos

específicos, passam a ser empregadas expressivamente com significados intersubjetivos mais opacos (Traugott e Dasher, 2002; Traugott, 2010), que se distanciam de seus significados originais, a saber, o condicional-concessivo, e convencionalizam-se como novos nós na rede de construções insubordinadas.

Tal hipótese, no entanto, somente pode ser validada mediante uma investigação que considere tanto o contexto diacrônico de evolução e funcionamento dessas construções quanto os diferentes contextos linguísticos que motivaram o desenvolvimento dos novos nós dessa rede conceitual.

3. Metodologia

3.1 *Corpus* e recorte temporal

Os dados deste estudo foram coletados no Corpus do Português – Genre/Historical (Davies; Ferreira, 2006), um corpus de ampla cobertura temporal que reúne textos do português europeu e brasileiro dos séculos XIV ao XX. Para os fins desta pesquisa, considerou-se o recorte que compreende os séculos XV ao XX produzidos no português brasileiro, de modo a observar o desenvolvimento histórico das construções desde estágios mais antigos da língua até o período contemporâneo.

A busca foi realizada por meio de pesquisa por expressões regulares, utilizando como formas de busca as conjunções *nem que* e *nem se* em posição inicial de cláusula, que não apresentavam vinculação sintática explícita com uma cláusula anterior, e que correspondessem ao significado condicional-concessivo. Os resultados foram filtrados manualmente para a identificação dos contextos de insubordinação e resultaram nos seguintes quantitativos por século:

Tabela 1 – Distribuição das construções insubordinadas por século

Conectivo	Século						Total
	XV	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	
<i>Nem que</i>	0	2	1	1	22	16	42
<i>Nem se</i>	0	0	0	0	3	3	6

Fonte: Elaboração própria

Posteriormente, os dados foram analisados com base nos critérios de (i) tempo e modo verbal, uma vez que o padrão modo-temporal constitui um indicador formal relevante para a identificação do grau de esquematização e do tipo construcional; (ii) função pragmática desempenhada pela oração in subordinada, atentando-se às funções discursivas exercidas pelas construções in subordinadas nos contextos de ocorrência, distinguindo valores como refutação, réplica, ironia; e (iii) graus de independentização, determinados por meio de suas propriedades estruturais, e do grau de autonomia sintática e pragmática das construções, observando-se sua independência em relação ao contexto discursivo imediato.

4. Resultados e discussão

A distribuição das ocorrências ao longo do recorte temporal revela um crescimento gradual no uso das construções in subordinadas com *nem que* e *nem se*, com maior concentração nos séculos XIX e XX. Esse padrão distribucional é compatível com a hipótese de que a in subordinação resulta de um processo lento de convencionalização, cujos estágios iniciais se caracterizam por usos contextuais e dependentes do contexto imediato, ao passo que estágios mais avançados se caracterizam por usos autônomos e pragmaticamente especializados, o que se alinha aos resultados encontrados por Coradini (2022).

Nos séculos XV e XVI, são encontradas apenas ocorrências independentes de *nem que*, nas quais predominam aspectos subordinação, como uma ligação mais forte com o contexto imediato, embora não seja possível reconhecer uma apódose canônica a qual a oração introduzida por *nem que* possa se associar, como em 3:

3. Eu comy atabafea uro em deu & graãos torrados & pees de vitelaça com bandouua apicaçados. Nem pimenta de veneza menom deu a tal ssabor como me deu peralteza do príncepe nosso senhor: Adio prereira dalter. Eu tenho fremosa filha tal he minha presunçam & que sseja rrechoncham nom ajars por marauilha **Nem que tenha rredondeza mais a tem o atanor do que beebe sua alteza do príncepe nosso senhor.** A fernam gomez damyna. (CdP/ 15:Resende:Cancioneiro)

Nesse exemplo, a prótase com *nem que* apresenta uma relação estreita com seu contexto de ocorrência, vide a ausência de expressão explícita de sujeito e de sinais gráficos que a separe do discurso anterior, além de funcionar como um *adendo* (Neves, 2011), por meio do qual o falante retoma um conteúdo *a posteriori*, acrescentando uma informação de cunho subjetivo. Não há, aqui, in subordinação no sentido estrito do termo, visto que a cláusula encabeçada por

nem que, ainda que não sintaticamente integrada a uma oração nuclear, somente pode ser interpretada por meio da presença do contexto em que ocorre.

Nos séculos XVII e XVIII, apesar de ainda não serem encontradas formas insubordinadas com *nem se*, observa-se o surgimento de contextos em que construções com *nem que* parecem figurar em situações dialógicas, para as quais já parece possível apontar a função de *réplica*, dado que a presença de marcas como sinais de pontuação — travessões, interrogações, presença de outros interlocutores — de independentização já são mais evidentes. Acredita-se que esses contextos, além de favorecerem inovações formais e funcionais, como o uso independente das construções e um afastamento de seu significado condicional-concessivo, em prol de um significado mais expressivo, constituem os estágios intermediários do processo de independentização, em que a oração com *nem que* começa a adquirir maior autonomia comunicativa. O exemplo (4) ilustra esse tipo de uso:

4. Soldado - Metereis o bastão como mestre de esgrima; que, depois que as punhadas e cachetes se reduziram a ângulos rectos, bem pode Apolo ser Narváez, Barbosa ou Rua. Fonte Velha - Com tal padrinho como vós, quem receará vir às gadelhas com todo o mundo? Fonte Nova - Ora disse, senhora, quem é o sobredito. Fonte Velha - **Nem que para ele olháreis quisera eu**, porque estes tais são como os cafusos da Arábia, que com os olhos comem o coração daquele que olham.(CdP/16:FMMelo:Apolo)

Aqui, além de não ser possível a recuperação de uma apódose para a oração introduzida por *nem que*, a oração possui um sujeito explícito (eu), o que evidencia a ausência de vinculação sintática com a porção textual imediatamente anterior, e uma interpretação mais independente do contexto de ocorrência. A construção começa, portanto, a funcionar como um ato de fala de resposta, sem depender de uma oração nuclear para sua interpretação.

Nos séculos XIX e XX, surgem os primeiros usos independentes de orações com *nem se* e tornam-se mais frequentes os usos plenamente insubordinados, em que a construção com *nem que* e *nem se* funcionam como atos de fala autônomos, com força ilocucionária própria e significados mais intersubjetivos, funcionando como *réplica* ou *refutação*. Os exemplos de (5) a (8) ilustram esses usos:

5. - Para que pensar nisso, observou Teobaldo, já aborrecido com as palavras da rapariga. Mudemos de assunto. - Causo-te lástima, não é verdade? Dize-me com franqueza! -É. - E sabes, meu adorado, qual é o único meio de socorrer uma mulher que nos causa compaixão? - Qual é? - Amando-a. - Oh! - Não te sentes capaz de tanto? - Não. - **Nem se eu para isso empregar todos os meios.** Se eu me fizer tua escrava, tua amiga e tua amante, só tua? - Impossível. (CdP/18:Azevedo:Coruja)

6. Ninguém é superior a ninguém. Quem pensa que é, acaba fazendo mal aos outros. E aí junta um pecado com outro. Uma velha de vestido estampado em verde, amarelo e azul: * O sexo não é pecado? * Sexo sem amor é pecado. Qualquer coisa sem amor é pecado. Mesmo quando o homem é o seu ou a mulher é a sua, quando há casamento legal, no civil e na igreja, sexo sem amor é pecado. Um homem de barba preta: * **Nem se for só para ter filho?** - Fazer um filho com amor ajuda a fazer um bom filho, capaz de ser feliz no futuro. (CdP/ 19:Fic:Br:Olinto:Sangue)

7. CATARINA - E o que tenho eu com isto? BOAVENTURA - O que tem a senhora com isto! Decididamente isto é uma terra de egoístas! Onde está a dona da casa, quero me entender com ela. CATARINA - Tome a sua mala, vá-se embora, senhor. BOAVENTURA - Sair daqui? **Nem que me rachem de meio a meio.** CATARINA (Atirando a mala e as parasitas no chão) - Eu já lhe mostro. (Sai) (CdP/ 18:França:Proveitos)

8. - Por esta vez passa, mas não tente repetir a façanha, me fazer de bobo, ouviu, dona Ricardina da Silva? Se tentar, então aí vamos acertar as contas pra valer! Vencedora daquela tarde, Ricarda deveria voltar ao programa no fim do ano para a festa dos campeões. - Você vai? - quis saber Júlia. - Claro que vou! **Nem que chova canivete..** - respondeu ela sem vacilar. - E a proibição, Ricarda? - Azeite! (CdP/ 19:Fic:Br:Gattai:Cronica)

Nas construções acima, percebe-se que as orações funcionam como réplicas (exs. 5,8) e refutações (exs. 6, 7) irônicas, respondendo, nos primeiros casos, ou negando, nos demais, alguma pressuposição licenciada pelo contexto. Em ambos os casos, as construções apresentam-se semântico e pragmaticamente mais autônomas e convencionalizadas, a partir das quais o significado condicional-concessivo primário é opaco ou não facilmente recuperável, e dá lugar à expressão de avaliações negativas e significados carregados pragmaticamente.

A análise dos padrões modo-temporais revela uma tendência clara ao longo dos recortes temporais. Embora possam ser encontradas, nos estágios mais antigos, construções com formas de presente do subjuntivo e do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, as orações insubordinadas com *nem que* e *nem se* apresentam-se predominantemente no pretérito imperfeito do subjuntivo, associado ao valor contrafactual e à hipoteticidade extrema característica das condicionais-concessivas escalares. Esse padrão é consistente com o que Haspelmath e König (1998) descrevem para as construções concessivas-condicionais, de que a prótase condicional-concessiva tende a ser marcada por formas verbais associadas à modalidade irrealis e das descrições de estágios mais recentes dessas construções apresentadas por Lira e Souza (2025) e Lira e Hirata-Vale (2025) e Lira (em preparação). Ainda, essa tendência pode ser interpretada como indício de um contexto de uso favorável ao surgimento dessas construções insubordinadas, que passam a ser empregadas em situações menos estritamente contrafactuais e mais orientadas para a interação discursiva imediata.

A análise do grau de independentização revelou, assim como prevê Hirata-Vale (2015) para as orações subordinadas condicionais com *se*, a existência de um *continuum* entre usos subordinados mais espontâneos, isto é, aqueles de forma e função mais livres e mais associados ao contexto de uso e aqueles usos plenamente subordinados, como construções formulaicas do tipo *nem que chova canivete*, confirmando a hipótese de que a subordinação resulta de um processo gradual de construcionalização. Ao longo do recorte temporal, é possível identificar três estágios nesse *continuum*:

- No estágio 1 (séculos XV-XVI), predominam usos mais semântica e pragmaticamente dependentes, em que a prótase condicional-concessiva apresenta-se ainda relacionada com o contexto anterior, como demonstrado pelo compartilhamento de sujeito mencionado na porção textual precedente, e seu funcionamento como *adendo*, função prototipicamente relacionada a orações condicionais e concessivas.
- No estágio 2 (séculos XVII-XVIII), surgem contextos em que as orações subordinadas, embora não totalmente independentes do ponto de vista semântico e pragmático, adquirem maior força ilocucionária, atuando como *réplicas* ou *refutações* em contextos dialógicos, nas quais o significado condicional-concessivo é mais opaco e dá lugar a significados mais negativamente marcados.
- No estágio 3 (séculos XIX-XX), consolidam-se os usos plenamente subordinados, em que as construções com *nem que* e *nem se* funcionam como atos de fala autônomos, mais pragmaticamente convencionalizados, utilizados para expressar significados irônicos.

Do ponto de vista das funções pragmáticas, foram identificados três padrões principais nos dados: (a) casos em que as construções atuam para adicionar uma informação extra a um posicionamento anterior, em geral, do próprio falante, que correspondem a função de *adendo*; (b) *refutação* de uma proposição expressa ou pressuposta no discurso precedente; (c) *réplicas* diretas ou indiretas a uma proposição anteriormente enunciada ou inferida no contexto, do próprio falante ou de seu interlocutor. Esses três padrões funcionais correspondem, em larga medida, ao que a literatura sobre subordinação descreve para construções similares em línguas, como as línguas germânicas e românicas, e no português brasileiro, o que reforça que a especialização pragmática de construções subordinadas condicionais-concessivas, além de ser um fenômeno de natureza interlinguística, segue uma trajetória gradual por meio da qual seus diferentes graus de independentização correspondem, no nível semântico-pragmático, a diferentes graus de especialização funcional.

5. Considerações finais

Este estudo piloto buscou investigar o desenvolvimento histórico das construções insubordinadas condicionais-concessivas com *nem que* e *nem se* no português brasileiro, sob o aporte teórico-metodológico da Gramática de Construções Diacrônica. A análise das ocorrências coletadas permitiu identificar um processo gradual de independentização, no qual construções mais espontâneas e dependentes de uma apódose explícita foram, ao longo dos séculos, se convencionalizando como atos de fala autônomos com funções pragmáticas especializadas, como as de réplica e refutação, e empregos irônicos de construções formulaicas.

Os resultados são compatíveis com a hipótese de que a insubordinação resulta de um processo de construcionalização mediado por mecanismos como a especialização funcional das construções em situações discursivas específicas. Ao mesmo tempo, os dados revelam que o percurso de independentização não é linear nem uniforme: convivem, nos *corpora*, usos mais e menos autônomos das mesmas formas, o que é esperado em um modelo baseado no uso, em que a gramática é concebida como um sistema dinâmico e em permanente atualização. A análise permitiu esboçar, preliminarmente, uma proposta em que as microconstruções mais autônomas com *nem que* e *nem se* constituem novos nós criados por construcionalização, parcialmente herdeiros de propriedades do esquema condicional-concessivo mais geral, mas dotados de propriedades funcionais inovadoras — especialmente no que diz respeito às funções pragmáticas e à expressão de ironia.

Por fim, embora se reconheçam as limitações deste estudo, relacionadas principalmente ao caráter piloto da pesquisa, dado que análise aqui apresentada é baseada em uma pequena amostra representativa da diacronia do português brasileiro, espera-se que os resultados aqui apresentados possam contribuir para o avanço da descrição de construções não prototípicas do português e para o debate teórico sobre os mecanismos de mudança construcional, em especial no que diz respeito ao fenômeno da insubordinação nas línguas românicas de uma perspectiva diacrônica.

Contribuição de autoria (CRediT)

Amanda de Lira Santos: Conceptualização; Metodologia; Curadoria de dados; Investigação; Análise formal; Redação – rascunho original.

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale: Conceptualização; Supervisão; Redação – revisão e edição.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados analisados neste estudo estão disponíveis para consulta em repositório aberto e on-line, no endereço digital: [Corpus do Português](#).

Fonte de financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP (Processo n°: 2024/08219-6)

Referências

ALVES, C. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais insubordinadas adversativas no português brasileiro. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 50, n. 2, p. 504-522, 2021.

BARÐDAL, J. *et al.* **Diachronic construction grammar**. John Benjamins, 2015.

BERTOCCHI, A.; MARALDI, M. Conditionals and Concessives. In: **New Perspectives on Historical Latin Syntax: Complex Sentences, Grammaticalization, Typology**. Berlim, Boston: De Gruyter Mouton, 2011. v. 4, p. 93–193. <https://doi.org/10.1515/9783110253412>

BRINTON, L. J. **The extremes of insubordination: Exclamatory as if!** *Journal of English Linguistics*, v. 42, n. 2, p. 93-113, 2014.

COMARIM, M. J. B.; HIRATA-VALE, F. B. M. **A expressão de desejos em construções condicionais insubordinadas com “se ao menos”**. *Entrepalavras*, v. 13, n. 1, p. 265-284, 2023.

CORADINI, M. C. **Construções condicionais insubordinadas com a conjunção se no português: uma análise diacrônica à luz da gramática de construções**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

D'HERTEFELT, S. **Insubordination in six Germanic languages**. 239 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, 2015.

D'HERTEFELT, S. **Insubordination in Germanic: A Typology of Complement and Conditional Constructions**. John Benjamins, 2018.

D'HERTEFELT, S.; VAN LINDEN, A. Independent conditional clauses with argumentative function in Dutch. **Text & Talk**, v. 37, n. 5, p. 587-614, 2017.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do Português**. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

DÉR, C. **The emergence of stand-alone insubordinate conditional clauses in Hungarian**. *Folia Linguistica*, 2025.

DIESEL, H. **The grammar network**. Cambridge University Press, 2019.

ELVIRA-GARCÍA, W. **La prosodia de las construcciones subordinadas conectivo-argumentativas del español**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2016.

ELVIRA-GARCÍA, W. Two constructions, one syntactic form: Perceptual prosodic differences between elliptical and independent< si+ V indicative> clauses in Spanish. In: BEIJERING, K.; KALTENBÖCK, G.; SANSIÑENA, M. S. (Eds.) **Insubordination: Theoretical and empirical issues**, Berlin: De Gruyter Mouton, p. 240-264, 2019.

EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.). **Finiteness: Theoretical and Empirical Foundations**. Oxford: Oxford University Press, p. 366- 431, 2007.

GOLDBERG, A. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GRAS, P. **Gramática de construcciones en interacción. Propuesta de un modelo y aplicación al análisis de estructuras independientes con marcas de subordinación en español**. 580 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Barcelona, Barcelona, 2011.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, J. (Ed.). **Adverbial constructions in the languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 563–640.

HIRATA-VALE, F. B. M. **[Como se X] subordinada: uma proposta de análise no português brasileiro**. In: VII Simpósio Internacional de Linguística Funcional, 2024, Belo Horizonte. Caderno de Resumos do VII Simpósio Internacional de Linguística Funcional, 2024.

HIRATA-VALE, F. B. M. **O processo de subordinação nas construções condicionais do português do Brasil**. Relatório científico de estágio pós-doutoral. Katholieke Universiteit Leuven, Leuven, 2015.

HIRATA-VALE, F. B. M. Construções condicionais subordinadas no português: usos metatextuais. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 46, n. 1, p. 83-97, 2017.

KALTENBÖCK, G. On the grammatical status of in subordinate if-clauses. In: KALTENBÖCK, G.; KEIZER, E.; LOHMANN, A. (Orgs.): **Outside the clause: form and function of extra-clausal constituents**. Amsterdam: John Benjamins, 2016. p. 341-377.

KALTENBÖCK, G. On Insubordination: Form, Function and Development of In subordinate If-clauses. In: **Third Conference of the International Society for the Linguistics of English (ISLE 3), University of Zurich, August**. 2014. p. 23-27.

KALTENBÖCK, G.; KEIZER, E. In subordinate if-clauses in FDG: Degrees of independence. **Open Linguistics**, v. 8, n. 1, p. 675-698, 2022.

LA ROI, E. **The Accessibility Hierarchy in Post-Classical Greek between Syntax and Sociolinguistics**. In: Subordination and Insubordination in Post-Classical Greek. De Gruyter, 2025.

LASTRES-LÓPEZ, C. Beyond conditionality: On the pragmaticalization of interpersonal if-constructions in English conversation. **Journal of Pragmatics**, v. 157, p. 68-83, 2020.

LIRA, A. SOUZA, D. G. Orações condicional-concessivas com *nem se* à luz da Linguística Funcional. **Inventário**, v. 37, 2025, p. 289-311.

LIRA, A.; HIRATA-VALE, F. B. M. **Descrição e análise de construções insubordinadas com *nem que* e *nem se* no português brasileiro**. Revista Linguagem, São Carlos, v. 49, n. 1, p. 100- 125, 2025.

MARTÍNEZ CARO, E.; ALBA-JUEZ, L. The expressive function of the *ni que* insubordinate construction in Spanish. **Languages**, v. 6, n. 4, 2021.

MÍGUEZ, B. M. **The expression of directive meaning: a corpus-based study on the variation between insubordinated if-clauses, imperatives and conditionals in contemporary spoken British and American English**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2016.

MONTOLÍO, E. D. ¡*Si* nunca he dicho que estuviera enamorada de él! Sobre construcciones independientes introducidas por *si* con valor replicativo. **Oralia: análisis del discurso oral**, v. 2, p. 37–69, 1999.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ROYO VIÑUALES, V. **Hypothetical comparison clauses at the grammar-discourse interface: A corpus-based study of *comme si-* and *como si-* clauses**. Tese [Doutorado em Línguas, Letras e Tradutologia], Liège, ULiège - Université de Liège, 2025.

ROYO VIÑUALES, V.; VAN LINDEN, A. Beyond hypothetical manner: a functional typology of insubordinate *como si*-clauses. **Folia Linguistica**, vol. 59, no. 3, 2025, pp. 759-784.

ROYO VIÑUALES, V.; VAN LINDEN, A. Insubordinate **como si** clauses: a formal functional typology of independent hypothetical manner constructions in Spanish. Paper apresentado na **SLE**. 2022.

ROYO VIÑUALES, V.; VAN PRAET, W.; DEGAND, E. *Comme si t'allais réussir!* Distribution sémantico-syntaxique des constructions introduites par *comme si* à l'interface subordination-insubordination. In: **Linguists' Day**. 2022.

SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L. **Nodes and networks in diachronic construction grammar**. John Benjamins Publishing Company, 2020, p. 1-42.

TRAUGOTT, E. C. (Inter)subjectivity and (inter)subjectification: A reassessment. In: DAVIDSE, K.; VANDELANOTTE, L.; CUYCKENS, H. (Eds.). **Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization**. Berlin: De Gruyter Mouton, p. 29–71, 2010.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. (Cambridge Studies in Linguistics 97). Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Toward a coherent account of grammatical constructionalization. In: Barddal et al. (Eds.). **Diachronic construction grammar**. John Benjamins, 2015. p. 51-80.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.